



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

?Animais que sofrem bullying?: popularizando espécies pouco emblemáticas na Mata Atlântica capixaba

Autoria: Mariana Pimenta de Alvarenga Prates (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Em 2014, a anta entrou para a Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, sobretudo por conta do seu estado de conservação no bioma Mata Atlântica, considerado Em perigo (EN). No entanto, a espécie ainda não chama a atenção nas arenas que envolvem conservação de animais ameaçados, fazendo com que conservacionistas que estudam a espécie também se dediquem em popularizá-la, a fim de elevar seu problema ambiental. No estado do Espírito Santo, o Pró-Tapir ? Programa de Monitoramento e Proteção de Ungulados na Mata Atlântica está envolvido nessas duas ações, estudar e popularizar a anta, assim como outros ungulados - porcos do mato e veados. O presente work consiste nos resultados do acompanhamento deste grupo em campo no Complexo Florestal Linhares-Sooretama, no norte capixaba, incluindo as atividades dentro e fora da mata, como coletas de dados de pesquisa e difusão da mesma através de palestras, sobretudo de educação ambiental para crianças e adolescentes. A partir do work de campo, o objetivo é refletir sobre essas espécies que, mesmo possuindo um papel ecológico importante sobre as paisagens que habitam, ainda não são emblemáticas para a conservação da biodiversidade brasileira e analisar, a partir da



relação das biólogas humanas com os animais não-humanos, o work do grupo como popularizador desses animais, sobretudo através de uma repercussão positiva que ressalta o carisma das antas, queixadas e catetos utilizando de atividades de educação ambiental e veiculação de conteúdo imagético com a comunidade local e pela internet, onde os unglados são apresentados como protagonistas e agentes essenciais para a composição do ambiente.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: